



www.serradopilar.com | 1 Advento, 02.12.2018 | ano 44º | nº 2091

O **Advento** é o tempo privilegiado para o exercício da esperança cristã, esperança fundada na certeza da fé. É um convite permanente à confiança em Deus e nas suas intervenções salvíficas. Neste tempo, ouve-se de modo particular a voz de Cristo: ***Eu venho em breve***, e a voz do Espírito e da Esposa que dizem: ***Vem, Senhor Jesus***.



Derramai-vos, ó céus, sobre o mundo
e da terra germine a salvação.
Já chegaram os dias do Reino,
Os tempos do Reino do nosso Deus!

advento

Enquadramento litúrgico

O Advento é um «tempo litúrgico» muito rico, mas muito complexo. A sua riqueza está precisamente contida na sua complexidade, na multiplicidade de aspetos em que tem de ser encarado para poder ser vivido em plenitude. Nesta breve apresentação tentaremos pôr a descoberto as ideias dominantes deste tempo, e as linhas-força da violência do Mistério de Cristo neste período do ciclo anual litúrgico. Fá-lo-emos em três momentos, partindo do próprio termo «adventos» e do seu conteúdo ideológico; depois, recordando a realidade histórico-teológica nele contida nas origens da sua instituição e, finalmente, examinando as linhas de reforma nos nossos dias [Bibliografia de base para o presente trabalho: JOUNEL P., *O Tempo de Natal*; MARTIMORT A G, *A Igreja em Oração*, Singeverga, 1965, 836-848; RIGHETTI M, *Storia Liturgica*, vol. 2, *L'anno Liturgico*, 3ª ed. Milano, 1969, 48-55].

I – O termo «Advento»

A palavra Advento, do latim «adventus» (em grego), não é termo originariamente cristão.

a) No plano cultural pagão, em que apareceu, significava a vinda anual da divindade ao seu templo para visitar os fiéis. Igualmente a palavra «adventos» era empregada para designar a primeira visita oficial de um imperador, governador ou príncipe ao seu povo.

b) Na Bíblia, texto da Vulgata, o termo «adventos» designa a chegada, a aparição gloriosa do Messias, Filho do Homem, que vem tomar posse do reino para exercer o seu poder e pronunciar a sentença definitiva. Fala, pois, de um acontecimento em certa medida transcendente [Cf. Jo 18, 36: «o meu reino não é deste Mundo»], que assinalará o fim do «século presente» e a inauguração do tempo novo, a manifestação sobre a terra da «realeza de Cristo» e a inauguração do tempo novo, a manifestação sobre a terra da «realeza de Cristo». Para este acontecimento tende veementemente (Cf. Rm 8, 18-25) a esperança da fé cristã.

c) Nos primeiros escritos cristãos, o referido termo é usado para designar a dupla vinda de Cristo ao meio dos homens: a primeira vinda, na humildade da carne, a inaugurar o Reino, e a última vinda, na glória, a coroar a obra redentora. Nesta última vinda, Cristo manifestará em plenitude na sua atualidade eterna e na sua universalidade, o que foi já plenamente realizado e consumado na primeira vinda. É que aquele que virá, é o mesmo que já veio [Cf. At 1, 11]. Por isso, S. João nos apresenta o Cristo vencedor sob a imagem de Cordeiro imolado [Cf. Ap 5, 12].

Neste sentido, as palavras Advento, Natal e Epifania, significam a mesma realidade fundamental

II – Origem institucional e conteúdo doutrinal

O Advento constitui um contributo exclusivamente ocidental para o ciclo litúrgico. Surge inicialmente na Espanha [A notícia certa mais antiga que possuímos é o cânone 4 do Concílio de Saragoça (381)], constando de um período de três semanas (entre 17 de dezembro e 6 de janeiro) de preparação, não para a festa do Natal, mas para a da Epifania, dia em que, conforme um uso também verificado no oriente, se administrava o Batismo. Era um período caracterizado pela ascese, oração e assembleias frequentes.

S. Gregório de Tour (+ 593) testemunha uma tendência rigorista, existente já há cerca de um século nas Gálias, que pretendia fazer do Advento uma segunda Quaresma, ao confirmar o jejum de três dias por semana, desde a deposição de S. Martinho (11 de novembro) até ao Natal, prescrito pelo seu antecessor Perpétuo de Tour (+ 490).

E Roma, o Advento aparece só no séc. VI, e com uma certa dificuldade na introdução, conforme podemos verificar pela indecisão no enquadramento dos seus textos no ciclo litúrgico romano [Cf. O Sacramentário Gelasiano e o Sacramentário Gregoriano]. Aparece não claramente definido. Constatou inicialmente de seis, e posteriormente de quatro semanas de preparação para o Natal.

Nota-se uma certa complexidade nas ideias dominantes deste tempo. Pelo estudo dos textos criados nessa época, verifica-se que a idade dominante é a de preparação para o «Adventus Domini». É um tempo de vigília e de espera, espera alegre da festa do Natal (ouvem-se as vozes de Isaías, de João Batista e da Virgem Maria), mas sem ter nela o seu termo, como se se tratasse de reviver o tempo de espera que precedeu a Encarnação do Verbo.

As antífonas da Liturgia das Horas insistem no canto do Aleluia mais que em nenhuma outra época, fora do Tempo Pascal. Durante muito tempo, em algumas regiões, o Evangelho do primeiro Domingo narra a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. Só mais tarde se impôs por toda a parte do «fim do mundo», o que veio dar um tom penitencial ao tempo de preparação para o Natal. Mas é necessário advertir que o caráter penitencial de que se revestiu posteriormente o Advento não reflete a ideia genuína da Igreja Romana. As antífonas e responsórios dos Ofícios deste tempo acentuam apenas um vivo desejo da vinda do Redentor e sublinham os sentimentos de purificação dos fiéis para recebê-lo condignamente. Mas não encontramos nenhuma alusão a sentimentos de tristeza ou de temor.

III – Na reforma litúrgica atual

O Concílio Vaticano II dá, de novo, a primazia ao tema escatológico, ao colocar a espera da vinda do Senhor como conclusão do ciclo anual litúrgico: - «A Santa Madre Igreja... distribui todo o Mistério de Cristo pelo decorrer do ano, da Encarnação e Nascimento à Ascensão, ao Pentecostes, à expectativa da feliz esperança da vinda do Senhor» [SC 102].

A restauração litúrgica conciliar consagra o duplo aspeto sob o qual se deve celebrar o Mistério de Cristo neste tempo: - «é tempo de preparação para as solenidades do Natal em que se celebra a primeira vinda de Deus ao meio dos homens, e simultaneamente um tempo no qual, por virtude da sobredita celebração, os espíritos se dirigem para a esperança da segunda vinda de Cristo no fim dos tempos» [*Normae de anno litúrgico et de calendario*], nº 39: «*Calendarium Romanum ex decreto Sacrosancti Oecumenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli PP. VI promulgatum*». Editio Typica, typis polyglotis vaticanis, 1969, 16]. Ambos os temas têm uma relação íntima. De facto, a vivência do tempo do Advento coloca a Igreja em ato de espera do Senhor que há de vir, enquanto leva a efeito a preparação para o Natal, «memória» do nascimento de Jesus.

Na presente restauração litúrgica, o Advento «não pode ser considerado simplesmente como penitencial, mas antes como tempo de alegre expectativa. Se aos domingos não se diz o Glória, não é pela mesma razão que na Quaresma, mas para que o hino angélico ressoe como algo de novo na Noite de Natal [*Commentarius in annum liturgicum instauratum*]: «*Calendarium Romanum...*», cit., p. 61].

Os dois temas fundamentais do Advento encontram-se distintamente, mas não separadamente, em cada uma das partes em que podemos dividir:

- do primeiro domingo até 16 de dezembro, a Liturgia foca o aspeto escatológico (segunda vinda);

- do dia 17 de dezembro, dia do início do canto das Antífonas Maiores, ou Antífonas «O», a Vésperas, até ao dia 24, insiste numa preparação mais direta para a Celebração do Natal do Senhor.

Concluindo:

O Advento é o tempo privilegiado para o exercício da esperança cristã, esperança fundada na certeza da fé. É um convite permanente à confiança em Deus e nas suas intervenções salvíficas. Neste tempo, ouve-se de modo particular a voz de Cristo: «eu venho em breve», e a voz do Espírito e da Esposa que dizem: «vem, Senhor Jesus» [Ap 22, 20].



ser mãe de muitas dores

FESTA DA SENHORA DO ROSÁRIO, festa de Maria, mãe de Jesus e nossa mãe. O rosário são com certeza, as centenas de rosas que decoram os

andores da nossa procissão. O andor de Maria só deveria ter rosas, muitas rosas. Mas as rosas de que a nossa Mãe mais gosta são aquelas que oferecemos ao seu Filho, fazendo a sua vontade, todos os dias da nossa vida. Nas bodas de Caná ela disse: *“faizei tudo como ele disser”*. Pôr amor naquilo que fazemos. Essas são as rosas de que Maria Gosta.

Ela concebeu e ficou mãe de Jesus, desde o momento, em que ela aceitou que a força do Espírito Santo descesse sobre ela e fizesse dela a Mãe de Jesus, o filho de Deus. Maria aceitou ser mãe de Jesus, como servidora da vontade de Deus. *“Faça-se em mim segundo as tuas palavras, porque sou a escrava do senhor.”* (Lc 1, 38) Fazer a vontade de Deus já era a grande preocupação de Maria.

Ser a mãe do filho de Deus foi ser mãe de muitas dores.

Começou logo por ter de anunciar a seu marido, José que estava grávida dum filho que não era dele. E as coisas estiveram de tal modo complicadas, que José pensou abandoná-la. Maria correu o risco de ficar mãe solteira numa terra e numa cultura em que ela poderia morrer apedrejada.

José foi também favorecido por Deus. O anjo dos sonhos de José lembranos de que ele passou noites sem dormir, a pensar no que ia fazer da vida dele. E Deus o ajudou a respeitar e a acolher Maria como sua mulher.

Na ideia que José fazia de Maria não entrava a possibilidade de que Maria lhe faltasse ao respeito ou por uma vez, o deixasse de amar.

Para todos os que conheciam aquele casal, José era o pai de Jesus. Ele o acolheu como seu filho, o educou nos seus valores, nas tradições e na fé do

seu povo, o ensinou na sua profissão. Os Evangelhos nos dão conta disso mesmo.

“Não é este o filho do carpinteiro? e não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, e José, e Simão, e Judas?”

E não estão entre nós todas as suas irmãs? (Mt 13, 55-56). Maria foi esposa de José e mãe de Jesus. E eles o educaram numa família normal com irmãos e irmãs, filhos de José e o ensinaram a ganhar a vida.

Para alimentar uma família numerosa, sem recursos, todos tinham de trabalhar. Eu imagino Maria, a mãe de Jesus a cuidar da sua casa, a dar ordens às crianças para arrumar e limpar isto e aquilo e buscar água e lenha, para que todos tivessem o necessário. Eu imagino Maria, a mãe de Jesus a cuidar da sua criação e da sua horta, dos seus mimos, para ter que deitar na panela e pôr na mesa, o suficiente para aconchegar o estômago, refazer as energias e dar prazer e alegria a toda a família. Eu imagino Maria como via fazer a minha mãe.

Ser a mãe do filho de Deus foi ser mãe de muitas dores. Dalgumas dores nos falam os Evangelhos e por isso, foram evocadas pelas primeiras comunidades e guardadas nos Evangelhos. Aos doze anos, perderam Jesus e procuravam-no, por todo o lado. Jesus parece ter saído de casa para a pregação, sem que isso tenha sido assumido pela sua família. Sua mãe, seus irmãos foram à procura dele, para o dissuadir. *E a multidão estava assentada ao redor dele, e disseram-lhe: Eis que tua mãe e teus irmãos te procuram, e estão lá fora.* (Mc 3, 32)

Quando Maria respondeu que aceitava a vontade Deus, porque se considerava sua escrava, não devia ter pensado que assistiria àquela morte de seu filho, como um criminoso. Ela, a mãe não arredou pé. Cada golpe no seu filho, era um golpe no seu coração.

Que Maria já era querida pelos seguidores de seu filho, atestam-no, as mulheres que a acompanhavam. A essas mulheres e a João, ela nos foi dada como mãe e mãe da Igreja.

Manuel Crespo. Presbítero.

Homilia. Festa da Senhora do Rosário. Duas Igrejas-Penafiel (07-10-2018)

a imagem: *“Mãe e criança”*, de Picasso. 1921.

Em nenhum dos Evangelhos está escrito que o pão que Jesus repartia com os seus discípulos era de trigo.



hóstias ou pão?

Será que, para Deus, tem alguma importância que as hóstias sejam feitas de pão de trigo, de cevada ou de milho?

O Vaticano, que parece ter tempo de sobra para tratar das questões importantes que afligem os cristãos, publicou um documento papal, a defender que as hóstias da missa devem continuar a ser confeccionadas de farinha de trigo com glúten, sem levar em conta os católicos celíacos.

Ninguém deixa de notar que a Igreja tem, hoje em dia, problemas muito mais sérios do que discutir se as hóstias devem, ou não, ser de trigo como se, aliás, não houvesse outro pão para além deste. Sem ter em conta que, com toda certeza, o pão que Jesus comia quando criança, em sua casa, e depois mais velho, pelas ruas da Palestina, era de cevada, pois era o tipo de pão que os pobres comiam. Só os ricos comiam pão de trigo.

Sempre assim foi entre os pobres do mundo inteiro. Lembro-me de, na minha infância, durante a Guerra Civil de Espanha, o pão de trigo branco ser, apenas, para os ricos da cidade. Os agricultores pobres comiam, quando podiam, pão de cevada, centeio ou milho.

No precioso livro *Memorias dun neno labrego* (Memórias de um menino camponês), de Xosé Netra Vilas, traduzido para várias línguas, é descrito em duas linhas o aspeto do filho do senhor rico duma aldeia no interior da Galiza: “Um rapaz muito limpinho que come pão de trigo, bebe leite com café, e não precisa de se levantar cedo para levar o gado a pastar”.

Em nenhum dos Evangelhos cristãos está escrito, na verdade, que o pão que Jesus repartiu com os discípulos, na Última Ceia, era de trigo. Não era, certamente, porque Jesus, tal como os restantes discípulos, era pobre e, às vezes, nem tinha que comer. O mais certo é que fosse de cevada.

A Eucaristia foi, desde as primeiras comunidades cristãs, um jantar normal, com pão e vinho, o que tivessem à mão, aquilo que as pessoas levavam de suas casas para compartilhar, em memória da despedida de Jesus na Última Ceia. O importante daquela comemoração era a celebração da fraternidade.

Mais tarde, a Igreja foi transformando aquela ágape fraterna, que acontecia nas casas das famílias, num ritual simbólico, nos templos, com uma liturgia especial, com hóstias que não parecem pão, cada vez mais distante da simplicidade, do calor e da autenticidade do amor compartilhado pelos seguidores do profeta Jesus, que nem sequer casa tinha, e que sempre privilegiou os pobres e esquecidos da sociedade.

Hoje, quando o mundo está a milhares de anos-luz daquela época, se a Igreja não tem nada mais importante do que preocupar-se em garantir que as hóstias da Missa sejam de pão de trigo com glúten, que nem sequer nos recorda a antiga tradição, segundo a qual os pobres comiam pão de cevada, é bem possível que continue, de facto, a perder interesse e influência global.

Bem pior do que isso são os verdadeiros pecados da Igreja, como a pedofilia, a proibição de as mulheres acederem ao sacerdócio, a rejeição dos divorciados e dos homossexuais, a negligência com os mais pobres, a riqueza do clero, a obsessão com o sexo como se fosse o grande pecado do nosso tempo.

No Brasil, o catolicismo continua a perder fiéis, segundo os especialistas, porque deixou de ser a Igreja dos mais humildes e está a transformar-se na fé das classes médias, dos que ocupam as melhores posições na sociedade. Não serão, com certeza, os bizantinismos das hóstias de trigo com glúten que devolverão à Igreja a esperança dos que confiam nela como um refúgio de paz e de acolhimento, ao abrigo do medo de serem julgados. Ela deveria ser a continuadora daquele profeta que dizia aos seus seguidores que quem preferia sedas e luxos devia dirigir-se aos palácios, já que o Filho de Deus *não tinha sequer onde deitar a cabeça*.

Nem pão de trigo.

Juan Arias. Jornalista, filólogo e escritor.

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/11/opinion/1499730777_747197.html



a caridade do vinho

«À noite, muitas vezes, nos dias de festa ou simplesmente quando está muito quente, vai-se ao refeitório beber “a caridade do vinho”, entre o encontro comunitário e o canto do Ofício Divino.»

Assim se lê nas crónicas do mosteiro francês de Cister, coração do monaquismo cisterciense. É um belo exemplo do realismo cristão, contra a ideia de uma ascese dura e desumana que com frequência é associada à vida monástica.

Este facto curioso é-nos recordado por Massimo Donà, no livro “Filosofia do vinho”, história séria e divertida desta bebida que é central no cristianismo, através da Eucaristia.

É sugestiva expressão «a caridade do vinho» que alivia a canícula e dá um frémito de alegria nos dias de festa aos monges fatigados.

O próprio Cristo, que não desdenhava sentar-se à mesa, chega a ser acusado de ser um “oinopótes”, um «bebedor de vinho» (Mateus 11, 19), enquanto que S. Paulo não hesita em sugerir ao fiel Timóteo: «Não continues a beber só água, mas toma também um pouco de vinho, por causa do estômago e das tuas frequentes indisposições» (I, 5, 23).

Este é um aspeto significativo da “incarnação” e do “humanismo” cristão, que não reduz a existência a um perfil angelical e a espiritualidade a uma pura e simples abstinência.

A tradição judaica chegava ao ponto de afirmar que, no fim da vida, seremos julgados também sobre os prazeres lícitos que recusámos.

É verdade que a temperança é sempre uma virtude cardeal, mas também a serenidade e a capacidade de apreciar as pequenas alegrias da vida são um ato de louvor ao Senhor, criador de tantas surpresas e maravilhas.

P. (Card.) Gianfranco Ravasi / In Avvenire / Trad.: Rui Jorge Martins / Imagem: Volfff/Bigstock.com / Publicado em 25.09.2018 / http://www.snpcultura.org/imagens/vinho_20180925_pc.jpg